

IV Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición

A trajetória editorial de B. Traven no Brasil, 1945-2008

José Renato Margarido Galvão¹

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo

renatogalvao@usp.br

Brasil

Resumen: En este trabajo analizaremos la trayectoria editorial del enigmático escritor B. Traven en Brasil. Sus obras comenzaron a publicarse en el país en la década de 1940, pasando por las de 1960, 1980 hasta 2008, año de publicación de *O Visitador Noturno*, por la editorial Conrad. El escritor probablemente nació en Estados Unidos, se fue a Alemania para, posteriormente, tras la dominación nazi, refugiarse en México, donde murió en 1969. Autor de unas 20 novelas y más de 150 cuentos, la mayoría ambientados en México, aún existen controversias sobre su verdadera identidad. El apogeo de la producción editorial de las obras de Traven tuvo lugar entre las décadas de 1940 y 1960, período en el que la publicación de obras de carácter social y político alcanzó su punto más alto en el país, por diversas razones. Traven es uno de los exponentes de la *literatura proletaria*, definida por el historiador Edgard Carone (1986) como “aquella que se centra en la clase trabajadora y los desheredados, especialmente los primeros. Se analiza su vida diaria, su trabajo y sus luchas”. A través de la investigación presencial y *on-line* en bibliotecas, se demostrará el circuito que involucró la publicación, difusión y, finalmente, la recepción de las obras del autor en la prensa brasileña en el siglo XX y principios del XXI.

Palabras clave: B. Traven; historia editorial brasileña; literatura proletaria; circulación y recepción de obras literarias.

1 Introdução, Metodologia e Aporte Teórico

No início de 2021, este autor submeteu um projeto de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo (PPGHE/USP). O objeto de estudo do projeto é a Editora Flama, uma casa publicadora que atuou em São Paulo entre os anos de 1944 e 1948. Ao analisar o catálogo da editora, houve o primeiro contato com o escritor B. Traven, por conta da publicação do romance *Ouro Negro*. O texto da orelha chamou a atenção e foi possível localizar outras seis obras no catálogo da

¹ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo), licenciado em Letras pela Universidade Paulista (UNIP) e mestrando em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), todas localizadas no Brasil.

Coleção Edgard Carone, onde este autor trabalha como bibliotecário. A partir daí, houve o interesse em iniciar uma investigação sobre a trajetória editorial de B. Traven no Brasil².

Trata-se de um estudo incipiente que irá identificar, mapear e analisar as obras do escritor publicadas no Brasil, uma trajetória cujo início se deu em 1945 e, até o momento, encerrou-se em 2008. Por meio de pesquisas em bases de dados de bibliotecas universitárias³, acervos *on-line* de jornais brasileiros e análise bibliográfica dos exemplares físicos, tentaremos fornecer alguns indícios do circuito (ou processo) de produção e recepção de tais obras: desde o momento da produção, passando pela difusão e recepção pela imprensa⁴.

Este texto se inscreve dentro das investigações sobre a história do livro, da leitura e da edição e baseia-se em diversos estudos, dos quais podemos citar: Bourdieu (2018), Darnton (2010), Cavallo; Chartier (1999), Grafton (2007), Hallewell (2017), Tarcus (2013) e Sorá (2017). De forma resumida, utiliza-se neste trabalho a perspectiva adotada no seminário *Edición y cultura en América latina: herramientas metodológicas para formular y desarrollar proyectos de investigación*⁵, em especial o conceito do campo de estudos sobre o livro e a edição (Saferstein; Szpilbarg, 2020: 5).

Quem forma parte dessa corrente considera que o estudo das ideias não se pode realizar por fora dos modos em que elas se produzem e se materializam em livros, são publicadas por determinadas editoras ou em determinadas coleções e circulam por determinados âmbitos. Reafirmamos a dupla dimensão do livro: é uma mercadoria, a qual se compra e se vende, porém é também um bem simbólico, carregado de significados culturais e com múltiplas práticas associadas (Bourdieu, 2009; Grafton, 2007). Dessa forma, não há texto sem suporte que permite sua leitura (Cavallo; Chartier, 1999: 9) e é a partir desse suporte que se conforma um espaço de sentidos, possível de ser investigado (Saferstein; Szpilbarg, 2020: 7).

Outro conceito importante de Cavallo e Chartier (1999: 9) é o de que os autores não escrevem livros, e sim textos que se tornam objetos escritos, produzidos por indivíduos de diversas categorias profissionais. Por isso, além dos dados técnicos e físicos das obras,

² Este estudo corre em paralelo ao mestrado, que está no primeiro semestre de um total de quatro.

³ Para pesquisar as obras do escritor publicadas no Brasil, utilizaram-se os repositórios da Universidade de São Paulo (Dedalus), Universidade Estadual de Campinas (Acervus), Universidade Estadual Paulista (Athena) e Biblioteca Nacional (Sophia).

⁴ Tarcus (2017: 30). O autor refere-se a “momentos”, no que tange aos processos de recepção intelectual de um corpo de ideias, no seu caso as obras de Karl Marx.

⁵ Curso virtual promovido pelo Instituto de Desarrollo Económico y Social (IDES), de Buenos Aires, do qual este autor participou em 2020.

tentaremos identificar os diversos profissionais que atuaram no circuito de produção, difusão e recepção das obras de B. Traven no Brasil: desde os editores, tradutores, prefaciadores, capistas, ilustradores, revisores, até os divulgadores – meios de comunicação e seus jornalistas, articulistas, colunistas etc. –, procurando situá-los no contexto histórico, social e intelectual da época, identificando os espaços que frequentavam e os possíveis vínculos entre tais sujeitos.

Sendo B. Traven notadamente um autor de ficção do início do século XX, seus livros no Brasil foram classificados, conforme a abordagem de Edgard Carone, como *literatura proletária*: “aquela que se volta para o operariado e seus deserdados, principalmente para os primeiros. Analisa-se o seu cotidiano, o seu trabalho e suas lutas”, incluindo autores “de antes e depois da Revolução de 1917, russos e de outras nacionalidades, entre eles alguns brasileiros” (Carone, 1986: 75-76). O levantamento realizado pelo historiador brasileiro, compreendendo o período de 1917 a 1964, inclui todas as obras de Traven publicadas dentro desse recorte.

2 Traven: um escritor enigmático

A primeira pergunta que se faz ao se deparar com o nome B. Traven é: “a quem estamos nos referindo?” No caso deste trabalho, “sobre quem estamos escrevendo?”, já que uma das poucas informações sobre as quais se tem consenso diz respeito ao seu falecimento: 26 de março de 1969, na Cidade do México. Aliás, o país latino-americano, destino de muitos artistas, intelectuais e políticos exilados, acabou se transformando na verdadeira pátria do escritor, ao qual dedicou grande parte de seus romances (Mayo, 1969: 8). Toda a sua biografia é uma incógnita, a ponto de ser considerado “o mistério literário do século [XX]” (A verdade sobre B. Traven, 1977: 33).

No Brasil, desde os anos 1940, década da publicação de seus primeiros livros no país, jornais e revistas estamparam textos a respeito da suposta identidade do autor⁶. Para esta pesquisa, consideramos mais relevante a introdução a *O Visitante Noturno*, obra de Traven publicada em 2008 pela Conrad Editora. O texto de 14 páginas, de autoria de Rogério de Campos, analisa a questão do anonimato do escritor face às questões que envolvem todo o século XX, marcado por uma busca desenfreada pela publicidade, exposição, estrelato e celebridades. Traven conseguiu ser, durante toda a sua vida,

⁶ Sugerimos os seguintes artigos da imprensa brasileira: Carpeaux (1963: 8; 1977, 81-83); Machado (1977: 33); B. Traven, o homem... (1969: 3).

justamente o oposto disso, se esquivando da imprensa por meio de estratégias e pistas que burlavam e confundiam os pesquisadores (Campos, 2008: 8).

Traven teria utilizado mais de uma dezena de nomes. As hipóteses mais consideradas pelos investigadores são: Ret Marut, um ator, jornalista e anarquista alemão; Otto Feige, que seria o verdadeiro nome de Ret Marut; Hal Croves, um suposto agente de Traven que frequentou as filmagens de *O Tesouro de Sierra Madre*; Moritz Rathenau, filho do industrial alemão Emil Rathenau; e Berick Traven Torsvan, um fotógrafo norte-americano que teria chegado ao México em 1924. Sua esposa Rosa Elena Luján afirmou, logo após a morte de Traven, que seu verdadeiro nome era Traven Torsvan, que contava com 79 anos e teria nascido em Chicago (EUA). Até os dias atuais, ninguém conseguiu confirmar tais informações e as suposições e teorias continuam existindo. Sendo assim, trabalhamos com o fato de que B. Traven é um pseudônimo – provavelmente a faceta literária do misterioso personagem –, sem nos aprofundar nas questões de sua real identidade, nem mesmo quanto ao conteúdo da abreviatura “B.”, já que até nisso não há consenso. Sequer quanto ao idioma original de seus textos: seria inglês, alemão ou ambos?

Para este trabalho, consideramos importantes as declarações de Traven ao longo de sua carreira no que tange ao papel do escritor. Seu posicionamento de origem anarquista fazia com que desprezasse qualquer noção de autoridade, liderança ou celebridade e isso pode ser visto com facilidade em inúmeros trechos de suas obras. Solidarizava-se com as classes econômicas menos favorecidas – operários, indígenas e camponeses – e rejeitava a veneração pela figura do autor, o qual, para ele, não tinha mais importância do que os outros “trabalhadores do livro”: impressores, encadernadores, editores, tipógrafos etc. Até o próprio nome da pessoa, dado pelos pais, deveria ser negado, já que seria uma maneira de submeter-se ao sistema (Campos, 2008: 14).

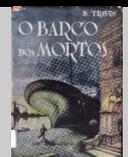
Interessante observarmos como as ideias de Traven se aproximam das principais teorias do campo de estudos do livro e da edição, no que concerne ao circuito de comunicação, tratado por Darnton (2010), e das discussões de Chartier (1999) e outros sobre a figura do autor. Este, naturalmente, tem sua importância, porém, para Traven, é apenas mais um elemento entre os vários que compõem a cadeia produtiva do livro.

3 Apresentação dos dados pesquisados

3.1 Dados técnicos dos exemplares

Ano	Ano orig. ⁷	Título	Editora	Coleção	Dim. (cm.)	PP.	Il.	Or.	Sobr.	Preço ⁸
1945	1926 (ger)	O Barco dos Mortos	Assunção	Grandes Escritores, 4	14 x 20	269	Não	Sim	Sim	Cr\$22,00 US\$1,10
1946	1929 (ger)	A Ponte nas Selvas	Assunção	Grandes Escritores, 5	14 x 20	190	Não	??	??	Cr\$22,00 US\$1,10
1946	1929 (ger)	Ouro Negro	Flama	Ariel, 4	14 x 22	246	Não	Sim	Não	Cr\$25,00 US\$1,25
1964	1935 (eng)	O Tesouro de Sierra Madre	Civilização Brasileira	Biblioteca do leitor moderno, 45	14 x 21	306	Não	Sim	Não	Cr\$1.800,00 US\$1,06
1964	1934 (eng)	O Barco da Morte	Civilização Brasileira	Biblioteca do leitor moderno, 51	14 x 21	355	Não	Sim	Não	Cr\$1.800,00 US\$1,06
1965	1952 (eng)	A Rebelião dos Torturados	Civilização Brasileira	Biblioteca do leitor moderno, 61	14 x 21	245	Não	Sim	Não	--
1966	1966 (eng)	O Visitante e Outras Histórias	Dinal	--	14 x 21	268	Sim	Sim	Não	NCr\$5,50 US\$2,02
1984	1935 (eng)	O Tesouro de Sierra Madre	Paz e Terra	Biblioteca de Ficção Contemporânea, 4	14 x 21	286	Não	Sim	Não	Cr\$13.170,00 US\$4,37
1986	1938 (eng)	Uma Ponte na Selva	Brasiliense	--	14 x 21	176	Não	Não	Não	Cz\$70,00 US\$5,06
2008	1966 (eng)	O Visitante Noturno	Conrad	--	14 x 21	127	Não	Sim	Não	R\$28,00 US\$17,39

3.2 Profissionais identificados nas obras

Título	Copyright	Tradutores	Revisores	Capa	Orelha/Pref./Introd.	Impressão
	--	Gustavo Nonnenberg; Huberto Ph. Schoenfeldt (ger)	--	--	--	Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais (SP)
	--	Gustavo Nonnenberg; Huberto Ph. Schoenfeldt (ger)	--	--	--	--
	--	Gustavo Nonnenberg; Huberto Ph. Schoenfeldt (ger)	--	Walter Levy	Galeão Coutinho (pref.)	Indústria Gráfica José Magalhães (SP)
	--	Fernando de Castro Ferro (eng)	--	Eugênio Hirsch	Ênio Silveira (orelha)	Cia. Gráfica Lux (RJ)

⁷ Abreviaturas: *Ano orig.*: ano da publicação no idioma do qual foi realizada a tradução; *Dim.*: dimensões; *PP*: número de páginas; *Il.*: ilustrações internas; *Or.*: orelha; *Sobr.*: sobrecapa.

⁸ Valores convertidos para o dólar utilizando-se a tabela encontrada em Hallewell (2017: 941-943). Os valores originais foram obtidos do preço estampado na capa ou de jornais da época.

	B. Traven and/or R. E. Luján (1963)	Fernando de Castro Ferro (eng)	--	Eugênio Hirsch	Ênio Silveira (orelha)	Gráfica Impres (SP)
	--	Carlos Alberto Oliveira Santos (eng)	--	Eugênio Hirsch	Alex Viany (orelha)	Cia. Gráfica Lux (RJ)
	--	Cláudio Ribeiro de Castro (eng)	Ney Alaniz Vieira	Arnaldo Vieira	Charles H. Miller (intr.)	Empresa Editora Carioca (RJ)
	B. Traven	Fernando de Castro Ferro (eng)	Luzia Rodrigues Marcondes; Celso Duarte	Rui de Oliveira	--	Editora Parma (SP)
	- Alfred Knopf; B. Traven (1938) - B. Traven (1966)	Isa Mara Lando (eng)	Elvira da Rocha; Newton T. L. Sodrê	Waldemar Zaidler	--	Gráfica Prol (SP)
	Não localizado pela editora (verso da folha de rosto)	Luciano Machado (eng)	Andréa Bruno; Monika Kratzer	Jonathan Yamakami	Rogério de Campos (intr.)	Gráfica Cromosete (SP)

3.3 Textos, notas e anúncios localizados na Hemeroteca Digital (BNDigital)⁹

Título	Editora	Textos e notas sobre o livro	Textos e notas sobre o filme baseado no livro	Anúncios do livro	Anúncios do filme baseado no livro
O Barco dos Mortos	Assunção	4	14	--	--
A Ponte nas Selvas	Assunção	3	2	--	--
Ouro Negro	Flama	4	1	--	--
O Tesouro de Sierra Madre	Civilização Brasileira	10	47	--	4
O Barco da Morte	Civilização Brasileira	14	24	--	--
A Rebelião dos Torturados	Civilização Brasileira	11	32	--	1
O Visitante e outras histórias	Dinal	2	21	3	1
O Tesouro de Sierra Madre	Paz e Terra	4	22	--	--
Uma Ponte na Selva	Brasiliense	1	--	--	--
O Visitante Noturno	Conrad	1	--	--	--

4 A produção editorial de B. Traven no Brasil

⁹ Pesquisas realizadas na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, utilizando como termo de busca a expressão “B. Traven”.

Ao analisarmos as tabelas 3.1 e 3.2, é possível identificar quatro grandes grupos de obras de B. Traven publicadas no Brasil, que correspondem a quatro décadas diferentes e a quatro diferentes períodos da indústria editorial do país no século XX¹⁰ (Paixão, 1996: 201-207). Tais grupos possuem características em comum e refletem as particularidades da época em que estão inseridos. Dessa forma, iremos identificar algumas dessas características que podem nos fornecer indícios de como operavam as editoras em cada período e como as obras de Traven foram recepcionadas pela imprensa local.

4.1 Década de 1940: traduções do alemão por uma dupla

Nos anos 1940 a indústria editorial brasileira já se encontrava bem estabelecida, com parques gráficos robustos em São Paulo e Rio de Janeiro e com uma produção girando em torno de 10 a 15 milhões de exemplares anuais (Hallewell, 2017: 544). Durante os anos da Segunda Guerra Mundial, expandiu-se o hábito de leitura no país, e consequentemente a venda de livros (idem, ibidem: 540).

Em 1945, início do quarto período (Paixão, 1996: 108), houve dois eventos bastante significativos: a nível mundial, o final da Segunda Guerra Mundial (setembro) e, no plano nacional, a deposição de Getúlio Vargas (outubro), que acarretou o fim do Estado Novo, regime de exceção que vigorava desde 1937. Com o fim da censura, voltaram a aparecer editoras ligadas a correntes de esquerda destinadas a divulgar textos de teoria socialista, biografias de líderes políticos, viagens à União Soviética e literatura proletária, como já havia ocorrido nos anos 1930.

Um ano antes, surgem em São Paulo duas editoras que irão ter praticamente o mesmo período de existência: Assunção e Flama¹¹. Ambas iniciam publicando romances nacionais e internacionais e, alguns anos após, investem em obras teóricas socialistas. Da Editora Flama, podemos afirmar que era ligada a militantes do Partido Socialista Revolucionário (PSR), de orientação trotskista, cujo líder era o jornalista e ex-membro do Partido Comunista do Brasil (PCB) Hermínio Sacchetta. Por outro lado, pouco se sabe sobre a Assunção, fundada e dirigida por Aylton Morato Assumpção e José Fernandes Gonçalves, situada na Praça da Sé, nº 371, no centro da capital paulista. Parte do catálogo

¹⁰ Os períodos são: 1) 1900-1914; 2) 1914-1930; 3) 1930-1945; 4) 1945-1964; 5) 1964-1985; 6) 1985-1995.

¹¹ Segundo pesquisas no Diário Oficial do Estado de São Paulo, ambas começaram suas atividades em 1944 e as encerraram em 1948 (Contratos Sociais, 1944a: 8; Contratos Sociais, 1944b: 10; Documentos de Companhias, 1948: 38; Departamento da Receita, 1948: 40).

de ambas está na listagem de títulos levantada em *O Marxismo no Brasil* (Carone, 1986: 227; 238).

E é justamente a Assunção que irá publicar o primeiro livro de B. Traven em terras brasileiras: *O Barco dos Mortos*, classificado como livro do mês de dezembro de 1945 da Sociedade Livro do Mês Ltda., conforme informação da orelha da contracapa. Aliás, a orelha é o único texto explicativo da obra, do qual não há informação de autoria. O segundo livro de Traven seria lançado em abril de 1946: *A Ponte nas Selvas*. Ainda no mesmo ano, a Flama publica *Ouro Negro*, dentro de sua Coleção Ariel. Ao que tudo indica, esta parece-nos uma coleção destinada a reunir romances de caráter social.

O livro editado pela Flama possui um elemento importante que não está presente nos dois editados pela Assunção. Trata-se do prefácio e este é original da edição brasileira. Seu autor é Salisbury Galeão Coutinho, conhecido jornalista e romancista e antigo proprietário das Edições Cultura Brasileira, responsável pela publicação de literatura socialista, marxista e proletária nos anos 1930¹². O texto de oito páginas revela um profundo conhecimento desse tipo de literatura, produzindo uma análise bastante consistente sobre a vida e a obra de Traven e traçando um paralelo entre as questões agrárias e fundiárias do Brasil e do México. Outra novidade é a informação do ilustrador da capa – o artista plástico Walter Levy¹³.

Qual o traço em comum identificado na publicação dessas três obras? A resposta está na folha de rosto de cada uma delas: os tradutores Gustavo Nonnenberg¹⁴ e Huberto A. Ph. Schoenfeldt¹⁵. A dupla foi a responsável pelas três traduções “do original em

¹² “Ela é a editora que seleciona mais rigorosamente a bibliografia marxista, editando obras de grande valor teórico e de divulgação da doutrina” (Carone, 1986: 68).

¹³ Walter Lewy (1905-1995) foi gravador, pintor ilustrador, paisagista, desenhista e publicitário. Nasceu na Alemanha, porém, por ser judeu, imigrou para o Brasil em 1938, fixando-se em São Paulo. Nos primeiros anos faz desenho publicitário e mais tarde capas de livros e ilustrações para diversas editoras. Ilustra obras de Bertrand Russell, Machado de Assis e Arnold Toynbee, entre outras. Mais tarde, emprega-se como diagramador, letrista e arte-finalista em agências de propaganda (Walter Lewy, 2021).

¹⁴ Gustavo José Nonnenberg (?-1982) teve participação ativa na vida cultural paulistana dos anos 1940 e 50. Na década de 40, sobressaiu-se como tradutor de livros e peças de teatro, sendo seu mais importante trabalho a versão para português de *Guerra e Paz*, de Leon Tolstoi. Numa breve entrevista em 1946 sobre o tema do divórcio ao *Jornal de Notícias*, da capital paulista, ele é definido como “o tradutor que verteu para o nosso idioma o Guerra e Paz, de Tolstoi, os livros de Bruno Traven e o Terra e Sangue, de Cholókov” (*O divórcio seria realmente...*, 1946: 1). Outra atividade importante de Nonnenberg nesse período foi como um dos dirigentes da revista cultural *Clima*, que marcou época em São Paulo, ao lado de nomes como Antonio Candido, Rui Coelho, Luís Martins, Paulo Emílio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado. Já nos anos 1950, atuou como roteirista, ator e diretor de publicidade da Companhia Vera Cruz. Na década seguinte, mudou-se para o Rio de Janeiro e foi diretor da sucursal dessa cidade do *Correio Paulistano*. Faleceu em setembro de 1982, na capital fluminense.

¹⁵ Segundo sua ficha no DEOPS de 1944, Huberto August Phillip Schoenfeldt nasceu em 1902 na Áustria e possuía o título de conde. Na época residia em São Paulo e trabalhava como “secretário”. Participou do movimento Áustria Livre, que lutava pela libertação da Áustria da invasão pela Alemanha nazista

alemão” – segundo as páginas de créditos das obras – e esse fato pode nos indicar alguma colaboração entre as duas editoras, já que Nonnenberg pertenceu à diretoria da Flama (Zingg, 1944: 36). A página de créditos de *Ouro Negro* traz a informação das traduções realizadas tanto por Nonnenberg como pela dupla.

Pelo que pudemos averiguar, as três obras obtiveram pouca repercussão na mídia impressa nacional da época. A única publicação que as citou em conjunto foi a revista *Leitura* na sua seção de bibliografia (Literatura alemã, 1946a: 75; Literatura alemã, 1946b: 72). *Ouro Negro* foi o livro desse período que contou com mais divulgação, destacando-se a inclusão da obra na seção “Livros novos” da revista *O Cruzeiro* (Livros novos, 1946: 26); a resenha do *Correio Paulistano* (Santana, 1946: 1); e o texto da coluna “Mundo Literário”, do *Jornal de Notícias*, de São Paulo (Araújo, 1946: 7).

Outra característica em comum das três publicações foram as adaptações para o cinema: em 1959 foi lançado *Das Totenschiff (O Navio da Morte)*, produção alemã dirigida por Georg Tressler; a película *La Rosa Blanca*, baseada em *Ouro Negro*, foi produzida em 1961 no México, com direção de Roberto Galvadón – no entanto, foi censurada pelo governo mexicano e somente onze anos depois obteve permissão para exibição (*La rosa blanca*, 2021) –; e, dez anos após, seria lançado *The Bridge in the Jungle*, produção da United Artists dirigida por Pancho Kohner.

4.2 Década de 1960: domínio da Editora Civilização Brasileira

O período entre o Estado Novo e o golpe militar de 1964 é marcado por um crescimento do setor editorial brasileiro, cujo mercado irá se consolidar ainda mais durante a segunda metade da década de 1960. Em 1962, a produção de livros chegou à casa de 66 milhões de exemplares (Paixão, 1996: 109). Editoras como Martins, Zahar, Brasiliense, Paz e Terra e Civilização Brasileira destacam-se nessa década com publicações de conteúdo crítico (ensaios teóricos e análises de conjuntura), com o objetivo de elevar a consciência social da população.

Com isso, houve também um aumento da procura pela literatura proletária e um editor em especial se destacou na promoção dessas obras: Ênio Silveira. À frente da Civilização Brasileira – e mais tarde também da Paz e Terra –, ele soube, mais do que

(*Anschluss*) em 1938 (São Paulo, 1944). A *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro, em 1953, o colocava como “figura de destaque social e artístico da capital bandeirante” (Lys, 1953: 35), fato que é comprovado pela aparição do conde em algumas colunas sociais dos jornais da época (*Recebe o casal...*, 1958: 14). Conseguimos também identificar seu trabalho como tradutor nas editoras Martins, Brasiliense e Pedagógica Universitária. Não encontramos informações sobre data e local de seu falecimento.

qualquer outro à época, traduzir o significado de *revolução* para o campo editorial¹⁶. Seu “talento, espírito empreendedor e firmeza” (idem, *ibidem*: 125) o tornaram a grande referência na publicação de obras ligadas às ciências humanas e sociais num período marcado pela repressão e censura.

É na Biblioteca do Leitor Moderno (BLM), uma das coleções de maior prestígio da editora, cujo catálogo conta com 188 títulos de literatura estrangeira¹⁷, que os três títulos de B. Traven foram publicados: os volumes 45 (*O Tesouro de Sierra Madre*), 51 (*O Barco da Morte*) e 61 (*A Rebelião dos Torturados*). Com exceção de *O Barco da Morte*, as demais obras ainda não haviam sido editadas no país.

Ao contrário da época em que as primeiras obras do escritor foram lançadas, o nome B. Traven já era bem mais conhecido do público brasileiro nos anos 1960, devido principalmente ao sucesso do filme *O Tesouro de Sierra Madre*¹⁸, exibido no Brasil entre 1948 e 1950. Mesmo assim, no livro de mesmo título, além da orelha de autoria de Ênio Silveira apresentando o autor e a obra, a editora teve o cuidado de inserir um texto de três páginas, à guisa de introdução, chamado “Algumas palavras para os leitores brasileiros de B. Traven”¹⁹.

O time de profissionais que trabalhou nessas três obras é de primeira linha. O desenho das três capas ficou a cargo de Eugênio Hirsch²⁰, um dos principais artistas gráficos não somente da editora, mas de toda a história do *design* de livros no Brasil. Tal atitude revela uma mudança significativa nas estratégias de *marketing* da indústria

¹⁶ Como já existem diversos estudos sobre a Civilização Brasileira, Brasiliense e Paz e Terra, não nos aprofundaremos na caracterização dessas editoras e na biografia de Ênio Silveira. Recomenda-se a leitura de Hallewell (2017), notadamente os capítulos 17 (José de Barros Martins) e 18 (Ênio Silveira), e a tese de Galucio (2009).

¹⁷ Sobre a BLM há um excelente trabalho desenvolvido por Denise Bottmann e Sérgio Karam: o blog *BLM: Biblioteca do Leitor Moderno (1961-1980)* (Bottmann; Karam, 2017).

¹⁸ O filme *O Tesouro de Sierra Madre*, dirigido por John Huston, foi lançado em 1948 e contou com Humphrey Bogart no papel do personagem Dobbs. Venceu três Oscars - melhor diretor, melhor roteiro adaptado e melhor ator coadjuvante (Walter Huston, pai do diretor). É considerado um clássico do faroeste norte-americano e aparece em praticamente todas as listas de melhores filmes do gênero. Há várias lendas sobre as locações do filme no México, entre elas a de que Hal Croves, que teria se encontrado com Huston e Bogart, seria o próprio Traven.

¹⁹ O texto analisa as causas da Revolução Mexicana e estabelece um paralelo entre as condições econômicas e políticas do México antes de sua revolução e as que ainda naquele momento caracterizavam as nações latino-americanas, inclusive o Brasil. Seria também Ênio Silveira o autor desse texto?

²⁰ Eugen Aloisius Hirsch (1923-2001) nasceu em Viena, Áustria e faleceu no Rio de Janeiro. Foi *designer* gráfico, ilustrador e pintor. Em 1938, emigra com sua família para a Argentina e vem ao Brasil por iniciativa própria em meados dos anos 1950. Em 1959, cria sua primeira capa de livro para a Civilização Brasileira: a do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov. Ao lado de Maurius Lauritzen Bern, foi o principal ilustrador da editora. Morou também na Espanha e Estados Unidos. Suas obras tornaram-se objeto de estudo de diversas pesquisas no campo do design visual (Eugênio Hirsch, 2021).

editorial, na qual o aspecto gráfico e visual passou a ter ainda mais importância como elemento chamativo para as vendas.

A partir da década de 1960, as traduções dos textos de B. Traven passaram a ser feitas a partir “do original em inglês”, como consta no verso das respectivas folhas de rosto. Na Civilização Brasileira, foram dois os profissionais que se dedicaram a essa tarefa: o português Fernando de Castro Ferro²¹ traduziu *O Tesouro de Sierra Madre* e *O Barco da Morte* e o baiano Carlos Alberto Oliveira Santos²² verteu *A Rebelião dos Torturados*. Já o texto da orelha foi de Ênio Silveira para *O Tesouro de Sierra Madre* e *O Barco da Morte* e do cineasta e jornalista Alex Viany²³ para *A Rebelião dos Torturados*.

Coube também a uma editora carioca, porém não tão famosa como a Civilização Brasileira, a proeza de publicar o primeiro volume de contos de B. Traven no Brasil. Trata-se da Distribuidora Nacional de Livros (Dinal), que lançou em 1966 o quarto livro do autor na década e consolidou os anos 1960 como os que mais tiveram publicações do escritor enigmático.

O Visitante e Outras Histórias conta com uma apresentação gráfica simples e um tamanho de fonte maior que o utilizado pela Civilização Brasileira. Possui capa em papel couché, orelhas, introdução, e verso da página de rosto com créditos divididos em “execução técnica” – os vários profissionais envolvidos na confecção da obra – e “edição” – o nome e endereço da editora. Outra curiosidade dessa publicação é a presença de

²¹ Fernando Manuel de Castro e Quadros Ferro (1927-2004), filho do escritor, jornalista, político e diplomata António Ferro, foi tradutor e editor na França e no Brasil. Radicou-se no Rio de Janeiro no começo dos anos 1960, onde permaneceu por cerca de quinze anos. Além da tradução, também desenvolveu a atividade de editor na Expressão e Cultura. Traduziu 13 títulos da Biblioteca do Leitor Moderno e está entre os quatro principais tradutores da coleção (Bottmann; Karam, 2017).

²² Carlos Alberto Oliveira dos Santos é jornalista e político. Nasceu em 1941 em Salvador e nos anos 1950 e 60 foi membro de associações de moradores e entidades estudantis, além de militar pelo Partido Comunista do Brasil (PCB). Após o golpe militar de 1964, por causa de perseguições políticas, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como jornalista e tradutor. No início dos anos 1980, mudou seu nome para Carlos Alberto Caó Oliveira dos Santos. Foi deputado federal em duas ocasiões, tendo, inclusive, participado da Assembleia Nacional Constituinte em 1987 (Caó, 2021). O projeto de resolução nº 531/2008, da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, que concede o Diploma Cristo Redentor a Caó, ao listar seu currículo, no item 9º, assinala que “Em 1965, tradutor de vários livros pela editora Civilização Brasileira. Entre outros *A Rebelião dos Torturados* de B. Traven, autor também de *O Tesouro de Sierra Maestra*” (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 2008). Grifo nosso. Agradecimento especial a Denise Bottmann pelas preciosas informações.

²³ Almiro Viviani Fialho (1918-1992), que utilizava o pseudônimo de Alex Viany, foi diretor, roteirista, crítico, jornalista e historiador. A partir de 1949, exerce a atividade de crítico cinematográfico em diversas publicações, como *A Cena Muda*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. Nos anos 1960, trabalha na Civilização Brasileira como editor da coleção Biblioteca Básica de Cinema, que publicou títulos importantes de autores nacionais e estrangeiros. Também integrou o conselho de redação da *Revista Civilização Brasileira*. Dirigiu diversos curtas e longas-metragens. Seu trabalho como historiador é marcado pela publicação do livro *Introdução ao Cinema Brasileiro* (1959) (Biofilmografia de Alex Viany, s. a.).

ilustrações internas – uma para cada um dos dez contos. A única ausência percebida foi a de um sumário ou índice, algo que só é encontrado em um dos dez livros de Traven no país – *O Barco da Morte*.

Conseguimos averiguar que a Dinal estava registrada no mesmo endereço de outra empresa, a Companhia Brasileira de Divulgação do Livro – Bradil²⁴, que operou entre os anos de 1965 a 1973 (Companhia Brasileira de Divulgação do Livro, 1966: 10; idem, 1973: 8). Um de seus diretores mais atuantes foi Affonso José de Carvalho, que tinha como política editorial a popularização do livro através de estratégias como divulgação por todos os meios de comunicação, sistema de vendas por crédito e criação de prêmios literários e festivais de literatura (Affonso de Carvalho, 1968: 5). Sobre os profissionais citados na página de créditos, não obtivemos nenhuma informação²⁵.

De acordo com a tabela 3.3, *O Tesouro de Sierra Madre* é a obra de Traven que mais foi divulgada na imprensa brasileira. Destacam-se as resenhas publicadas no *Jornal do Commercio* (Um livro de aventuras, 1964: 6) e na *Revista de Cinema*, de Belo Horizonte (Noronha, 1964: 53-55). Quanto a *O Barco da Morte*, nos chamou a atenção o texto de Herculano Pires para o paulistano *Diário da Noite*, no qual o colunista menciona a primeira edição brasileira da Assunção e as dúvidas que envolvem a tradução dos livros de Traven (Pires, 1964: 8). Já em 1969, o mesmo autor, por conta do falecimento de Traven, escreveu uma série de três textos (Pires, 1969a: 5); (Pires, 1969b: 5); (Pires, 1969c: 5). E sobre *A Rebelião dos Torturados*, merece destaque a resenha de Marfa Barbosa Viana para o semanário carioca *Luta Democrática*, seção “Livros”. A autora observa que “pela primeira vez, pelo menos em suas obras que conhecemos, Traven descreve figuras femininas”²⁶ (Viana, 1965: 5). No acervo *on-line* de *O Globo*, encontramos *A Rebelião dos Torturados* como um dos livros que tiveram boa vendagem na segunda quinzena de julho de 1965 (Olinto, 1965: 16).

Quanto à publicidade paga, encontramos apenas anúncios da obra de 1966, *O Visitante e Outras Histórias*. A Dinal-Bradil, dentro de sua política de *marketing* “agressiva”, publicou anúncios de seus livros no jornal carioca *Diário de Notícias*

²⁴ Pelas informações de jornais da época, parece-nos que o grupo que dirigiu a Dinal-Bradil possuía ligações com entidades católicas e autoridades militares cariocas (Luís Humberto Bahia..., 1966: 22; Capitão de Corveta Ituriel Nascimento, 1966: 4).

²⁵ Exceto mais dois títulos traduzidos por Cláudio Ribeiro de Castro para a Dinal-Bradil: *Caçada Implacável*, de Stephen Marlowe, e *Ku Klux Klan*, de Ben Haas.

²⁶ Entretanto, em *A Ponte nas Selvas*, de 1946, o leitor pôde ter contato com personagens femininas, entre as quais se destaca a *Señora Garcia*, mãe do pequeno Carlos.

(Compre 3 ganhe 1, 1967: 2), inclusive com um anúncio específico da coletânea de contos de Traven (O Visitante e Outras Histórias, 1967: 6).

4.3 Década de 1980: redemocratização e novos profissionais

Os anos 1980, na história mundial, foram marcados, entre outros acontecimentos, pelas chamadas Revoluções de 1989 – entre elas, a queda do muro de Berlim –, que deram início à derrubada dos Estados comunistas no Leste Europeu e, conseqüentemente, ao fim da Guerra Fria. No Brasil, a década foi marcada pelo fim da ditadura militar, que durou mais de 20 anos, e o início da redemocratização do país, culminando com a promulgação da nova Constituição, em 1988. Os números do mercado editorial são bastante expressivos: cerca de 211 milhões de exemplares publicados por ano, em média (Hallewell, 2017: 933).

Em 1984, ainda sob a ditadura, a Editora Paz e Terra – surgida em 1966 como uma revista publicada pela Civilização Brasileira e que, a partir de 1968, passa a publicar livros – lançou *O Tesouro de Sierra Madre*, exatamente 20 anos após a primeira publicação pela Civilização Brasileira. Acreditamos ser a mesma versão, pois consta como tradutor Fernando de Castro Ferro²⁷. Pela primeira vez, nas publicações brasileiras de Traven, aparece uma ficha catalográfica, com catalogação na fonte realizada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). A capa é de Rui de Oliveira²⁸ e a revisão coube a Luzia Rodrigues Marcondes e Celso Duarte.

Em 1985, a Editora Brasiliense era a segunda maior do país, com números bastante significativos: publicava cerca de 550 títulos por ano, entre lançamentos e reedições, e tinha uma tiragem anual de 2 milhões e 300 mil exemplares (Galucio, 2009: 186). No ano seguinte, a editora lançou *Uma Ponte na Selva*, uma tradução do “original em inglês” *The Bridge in the Jungle*. Percebe-se, ao manusear o volume, que se trata de uma publicação bastante simples, sem grandes atrativos gráficos e/ou editoriais. Não há orelhas nem sobrecapa; as únicas informações sobre o autor e sua obra estão no colofão e os créditos,

²⁷ A página de créditos informa que os direitos foram adquiridos pela editora, “que se reserva à propriedade desta tradução”. É bem provável que tenha sido cedida pela Civilização Brasileira, devido às boas relações entre ambas. Na época o diretor da Paz e Terra era Fernando Gasparian e o conselho editorial era composto, além dele, por Antonio Candido, Fernando Henrique Cardoso e Antonio Callado.

²⁸ Rui de Oliveira nasceu no Rio de Janeiro e é autor e ilustrador de literatura infantil. Formado em artes gráficas, estudou pintura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ilustração no Instituto Superior Húngaro de Artes Industriais e cinema no Pannónia Film Studio, em Budapeste. Recebeu quatro vezes o prêmio Jabuti de ilustração e, por Cartas Lunares, o prêmio de literatura infanto-juvenil da Academia Brasileira de Letras. É considerado um dos maiores nomes da ilustração no Brasil (Rui de Oliveira, 2021). Seu site oficial é www.ruideoliveira.com.br.

no verso da folha de rosto. A tradução é de Isa Mara Lando²⁹, que iniciava sua longa carreira de tradutora, e a capa, de Waldemar Zaidler³⁰.

A imprensa deu boa repercussão a esses lançamentos. Encontramos boas resenhas de *O Tesouro de Sierra Madre* em *O Globo* (Menezes, 1984: 6; Galvão, 1984: 7) e na revista *Manchete* (Andrade, 1985: 78). Além de frequentar as colunas de livros novos de alguns jornais, localizamos uma resenha de *Uma Ponte na Selva* em *O Globo*, de autoria de Luiz Garcia, que consideramos a mais significativa entre todas (Garcia, 1986: 9).

The Bridge in the Jungle foi lançado em 1971 pela United Artists. O filme é dirigido por Pancho Kohner e tem Charles Robinson como o protagonista Gales e o famoso diretor de *O Tesouro de Sierra Madre*, John Huston, no papel de Sleigh. Não encontramos referências à exibição da película no circuito cinematográfico brasileiro.

4.4 Década de 2000: uma editora independente publica Traven

Mais de 20 anos após a última publicação de uma obra de B. Traven (1986), surge em 2008 uma nova edição, desta vez trazida pela paulistana Conrad Editora, surgida em 1993 e que se notabilizou pela publicação de literatura pop, quadrinhos japoneses e coreanos e revistas e livros sobre *games*. Também se aventurou em coleções como a Baderna, que incluía autores e coletivos de cunho subversivo e anarquista como Hakim Bey, Grupo Krisis, Critical Art Ensemble, Luther Blisset e outros³¹. É uma coleção que reflete bem as mudanças na sociedade no início do século XXI, marcadas pela ampliação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e de um acesso maior à internet e redes sociais. Surge o *ciberativismo* e os protestos de rua de uma juventude cada vez mais conectada e sedenta por derrubar o capitalismo.

Trata-se da única obra de Traven a possuir ISBN e a segunda com ficha catalográfica. A publicação contém dois contos: O Visitante Noturno – que dá título à obra – e Macário. Ambos já haviam sido incluídos na coletânea de 1966 pela Dinal-Bradil – são, respectivamente, o primeiro e o último conto –; no entanto, nesta edição a tradução

²⁹ Isa Mara Lando nasceu em 1947, em São Paulo. É professora de inglês, escritora e tradutora do inglês e do francês para o português. Diplomou-se em Língua e Literatura Inglesa pela Pontifícia Universidade de São Paulo. Iniciou na tradução em 1986, com a obra *Instinto Assassino*, de W. R. Stevens, e até 2016 traduziu cerca de 110 livros dos mais variados autores. Sua obra mais representativa é *VocabuLando. Vocabulário prático inglês-português*, publicado em 2006 pela Disal Editora (Escola de Tradutores, 2017).

³⁰ Waldemar Zaidler Júnior, nascido em São Paulo (1958), é pintor, cenógrafo, ilustrador e grafiteiro. cursou arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU-USP) entre 1978 e 1982. Durante a década de 1980, trabalhou como ilustrador para a revista *Veja* e para a Editora Brasiliense (Zaidler, 2021).

³¹ Atualmente a Coleção Baderna está sendo publicada pela Editora Veneta, de São Paulo.

é de Luciano Machado³². Na página ao lado da folha de rosto constam os nomes dos diversos profissionais que trabalharam na confecção da obra, dentre os quais se destaca Jonathan Yamakami³³, responsável pela arte da capa, para a qual utilizou uma imagem do artista mexicano José Guadalupe Posada³⁴. A introdução de Rogério de Campos já foi abordada no tópico 2 deste trabalho.

Localizamos apenas uma matéria sobre o lançamento da obra no jornal *O Correio Braziliense* (Tavares, 2008: 5). O texto, que ocupa quase meia página, analisa a vida e obra do escritor, porém o autor parece desconhecer as obras de Traven publicadas no ano de 1980, já que afirma que o escritor havia desaparecido do mercado brasileiro há mais de 30 anos e cita como últimas publicações as da Civilização Brasileira – nos anos de 1960 e, equivocadamente, nos anos 1970 –, sem mencionar a de 1966.

5 Considerações finais

A trajetória editorial de B. Traven no Brasil formou, até o momento, quatro grupos distintos, correspondentes a quatro décadas diferentes, com intervalos de 20 anos entre elas. Nos anos 1940, o pioneirismo das editoras Assunção e Flama trouxeram o autor à tona, num período de retomada das publicações de teoria socialista e marxista e da literatura proletária. Na década de 1960, na esteira das exposições no cinema de filmes baseados nas obras do escritor, temos o auge das edições de Traven no Brasil, por iniciativa da Civilização Brasileira, seguido pela coletânea de contos da Dinal-Bradil. Nos anos 1980, após a redemocratização do país, Paz e Terra e Brasiliense colocam Traven novamente em cena, juntamente com as diversas exposições de *O Tesouro de Sierra Madre* na TV Globo. E, no início deste século, uma publicação insólita da Conrad faz jus à importância do autor, com dois contos que são considerados os mais autobiográficos de Traven.

³² Luciano Vieira Machado nasceu em Aracaju (SE), em 1950. Licenciado em Letras pela Universidade de Brasília (UnB), trabalhou no jornal *Movimento* e na Editora Ática. Colaborou com resenhas, artigos assinados e traduções para a revista *Escrita*, o jornal *Folha de S. Paulo* e a revista *Leia*. Recebeu onze prêmios nacionais por traduções de obras do inglês, alemão, francês e espanhol (Luciano Vieira Machado, 2021). Agradecimento especial a Denise Bottmann pela confirmação das informações.

³³ Jonathan Yamakami é um *designer* gráfico brasileiro. Depois de se formar em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP), trabalhou por cinco anos na Conrad Editora e por dois anos na Tara Books, na Índia. Em 2013 obteve o Master of Fine Arts (MFA) em Design Gráfico pela Rhode Island School of Design. Atualmente trabalha com arte em cerâmica em Los Angeles (EUA) (Yamakami, 2021).

³⁴ José Guadalupe Posada (1852-1913) foi um litógrafo mexicano que usou a impressão em relevo para produzir ilustrações populares. Ele usou crânios, calaveras e ossos para transmitir críticas políticas e culturais. Desde a eclosão da Revolução Mexicana em 1910, até sua morte, em 1913, Posada trabalhou incansavelmente na imprensa. Seu trabalho influenciou vários artistas e cartunistas latino-americanos por causa de sua agudeza satírica e engajamento social (José Guadalupe Posada, 2021).

Fica claro, através dos dados colhidos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional brasileira, que a recepção pela imprensa é maior nos dois primeiros grupos (décadas de 1940 e 1960), decaindo bastante nos dois últimos (anos 1980 e 2000). Tal constatação coincide com os momentos nos quais a literatura proletária, enquanto retrato de uma camada social – o operariado –, estava em alta, assim como o comunismo soviético. Nos anos 1980 esse estilo de literatura parece não mais chamar tanto a atenção dos críticos literários como antes, e praticamente cessam nos anos 2000, mesmo com o surgimento de novas editoras ligadas a correntes de esquerda. Também podemos apontar o fato de que a relação entre os indivíduos envolvidos nas publicações com os profissionais da imprensa era mais próxima nos dois primeiros grupos, isso quando eles próprios não atuavam nesse meio, como é o caso de Gustavo Nonnenberg, Alex Viany e outros.

Outro aspecto interessante é a falta de relação entre os grupos. À exceção de um ou outro texto, os articulistas geralmente ignoravam as publicações de Traven das décadas anteriores. No geral, não se tinha visão de conjunto, talvez pela dificuldade em se localizar as obras esgotadas, ou por mero desconhecimento.

Conseguimos levantar informações, mesmo que básicas, de quase todos os profissionais citados nas páginas de créditos. Percebe-se que as escolhas eram sempre criteriosas por parte dos editores. As edições brasileiras de Traven contaram com equipes de alto gabarito profissional e pesquisar a trajetória desses personagens foi uma tarefa que nos proporcionou surpresas – como em relação às atividades em que estavam envolvidos – e indicou possibilidades de pesquisa e questões a serem aprofundadas, em especial quanto à apropriação da literatura proletária por parte dos leitores dentro dos quatro grupos pesquisados. A partir desse aprofundamento, que será realizado, principalmente, a partir da análise das obras de Secco (2017) e de Carone (2013) – cujo centenário de nascimento se completará em 2023 –, pretendemos dar continuidade à nossa pesquisa.

Bibliografia

- “A verdade sobre B. Traven, o mistério literário do século”, Cultura, *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de março de 1977, p. 33.
- “Affonso de Carvalho quer agressividade para o livro”, Terceira Seção, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de junho de 1968, p. 5.
- Andrade, Valério de, “E Traven, quem foi, você sabe?”, *Manchete*, vol. 33, nro. 1712, 1985, p. 78.

Araújo, Nabuco, “Últimas edições”, *Mundo Literário, Jornal de Notícias*, São Paulo, 4 de agosto de 1946, p. 7.

Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, *Projeto de resolução nº 531/2008*, Rio de Janeiro, ALERJ, 2008, <https://bit.ly/3zPt6IO> [04 de setembro de 2021].

“B. Traven, o homem que nunca existiu”, *Geral, O Globo*, Rio de Janeiro, 31 de março de 1969, p. 3.

“Biofilmografia de Alex Viany”, s. a., <http://www.alexviany.com.br/> [23 de agosto de 2021].

Bottmann, Denise e Sergio Karam, *BLM – Biblioteca do Leitor Moderno*, 2017, <https://bit.ly/3kbbTmZ>, [14 de setembro de 2021].

Bourdieu, Pierre, “Uma revolução conservadora na edição”, *Política & Sociedade*, vol. 17, nro. 39, 2018, pp. 198-249.

Campos, Rogério de, “B. Traven – o homem que conseguiu ser ninguém”, em Traven, B., *O Visitante Noturno*, São Paulo, Conrad, 2008, pp. 5-18.

“Caó”, em *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, 2021, <https://bit.ly/3ttkqFb> [04 de setembro de 2021].

“Capitão de Corveta Ituriel Nascimento”, Segunda Seção, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 de março de 1966, p. 4.

Carone, Edgard, *O marxismo no Brasil*, Belo Horizonte, Dois Pontos, 1986.

———, *Leituras marxistas e outros estudos*, São Paulo, Xamã, 2013.

Carpeaux, Otto Maria, “Anonimato de Traven”, Primeiro Caderno, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de março de 1963, p. 8.

———, “O Tesouro de Sierra Madre”, *Manchete*, vol. 24, nro. 1303, 1977, pp. 81-83.

Cavallo, Guglielmo e Roger Chartier, “Introdução”, em *História da leitura no mundo ocidental*, vol. 2, São Paulo, Ática, 1999, pp. 5-40.

Chartier, Roger, “Figuras do autor” em *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, segunda edição, Brasília, Editora UnB, 1999, pp. 33-66.

“Companhia Brasileira de Divulgação do Livro”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1973, p. 8.

“Companhia Brasileira de Divulgação do Livro”, Segundo Caderno, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 07 de maio de 1966, p. 10.

“Compre 3 ganhe 1”, Segunda Seção, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1967, p. 2.

“Contratos Sociais – nº 70.705”, Caderno Executivo, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 de março de 1944a, p. 8.

“Contratos Sociais – nº 72.944”, Caderno Executivo, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 de junho de 1944b, p. 10.

Darnton, Robert, *A questão dos livros*, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

“Departamento da Receita”, Caderno Executivo, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 07 de dezembro de 1948, p. 40.

“Documentos de Companhias – nº 39.045”, Caderno Executivo, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 de setembro de 1948, p. 38.

Duarte, Galvão, “O texto de Traven não frustra quem já viu o filme clássico”, Segundo Caderno, *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1984, p. 7.

Escola de Tradutores, *Sobre a palestrante*, 2017, <https://bit.ly/3DrINyf> [22 de agosto de 2021].

“Eugênio Hirsch”, *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*, São Paulo, Itaú Cultural, 2021, <https://bit.ly/3hLadiy> [22 de agosto de 2021].

Galucio, Andréa Lemos Xavier, *Civilização Brasileira e Brasileira. Trajetórias editoriais, empresários e militância política*, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2009.

Garcia, Luiz, “Apologia da gente simples em narrativa seca, mas sincera”, Segundo Caderno, *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1986, p. 9.

Grafton, Anthony, “La historia de las ideas: preceptos y prácticas, 1950-2000”, *Prismas*, vol. 11, 2007, pp. 123-148.

Hallewell, Lawrence, *O livro no Brasil. Sua história*, terceira edição, São Paulo, Edusp, 2017.

“José Guadalupe Posada” em *Wikipédia*, s. l., s. e., 2021, <https://bit.ly/3CasGNb>, [14 de setembro de 2021].

“La rosa blanca”, s. a., <https://bit.ly/2WscGXV> [20 de agosto de 2021].

“Literatura alemã”, *Leitura*, fevereiro/março 1946a, p. 75.

“Literatura alemã”, *Leitura*, maio/junho 1946b, p. 72

“Livros novos”, *O Cruzeiro*, nro. 29, 1946, p. 26.

“Luciano Vieira Machado”, s. a., <https://bit.ly/3llnHm1>, [14 de setembro de 2021].

“Luís Humberto Bahia [...]”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 de março de 1966, p. 22.

Lys, Edmundo, “Homenagem a Maria de Lourdes Teixeira”, *Revista da Semana*, vol. 51, nro. 11, 1953, p. 35.

Machado, Rubem Mauro, “A única defesa de um homem civilizado é mentir”, *Cultura*, *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de março de 1977, p. 33.

Mayo, W. K., “México é a pátria de B. Traven”, Geral, *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 de maio de 1969, p. 8.

Menezes, Carlos, “O Tesouro de Sierra Madre e o mistério que envolve o autor”, Segundo Caderno, *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1984, p. 6.

Noronha, Ronaldo de, “The treasure of Sierra Madre; We were strangers”, *Revista de Cinema*, Belo Horizonte, nro. 4, setembro-outubro 1964.

“O divórcio seria realmente [...]”, *Jornal de Notícias*, São Paulo, ano 1, nro. 4, 16 de abril de 1946, p. 1.

“O Visitante e Outras Histórias”, Quinta Seção, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 06 de agosto de 1967, p. 6.

Olinto, Antonio, “Os “best-sellers” da quinzena”, Geral, *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1965, p. 16.

Paixão, Fernando (coord.), *Momentos do livro no Brasil*, São Paulo, Ática, 1996.

Pires, Herculano, “O barco da morte”, Segundo Caderno, *Diário da Noite*, São Paulo, 07 de abril de 1969b, p. 5.

———, “Romances de B. Traven”, Segundo Caderno, *Diário da Noite*, São Paulo, 24 de julho de 1964, p. 8.

———, “Traven, o misterioso”, Segundo Caderno, *Diário da Noite*, São Paulo, 05 de abril de 1969a, p. 5.

———, “Tuscaloosa: o sonho”, Segundo Caderno, *Diário da Noite*, São Paulo, 08 de abril de 1969c, p. 5.

“Recebe o casal Huberto Schoenfeldt”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 de março de 1958, p. 14.

“Rui de Oliveira”, s. a., <https://bit.ly/3tPngo3> [18 de setembro de 2021].

Saferstein, Ezequiel y Daniela Szpilbarg, *El desarrollo de investigaciones sobre edición y cultura escrita en América Latina. Antecedentes y modos de abordaje*, Buenos Aires, IDES Virtual, 2020.

Santana, Nuto, “Livros novos”, Terceira Seção, *Correio Paulistano*, São Paulo, 28 de abril de 1946, p. 1.

São Paulo (Estado). Secretaria da Segurança Pública. Deops, *Ficha de Huberto August Phillip Schoenfeldt*, São Paulo, s. l., s. e., 02 jun. 1944.

Secco, Lincoln, *A batalha dos livros*, Cotia, Ateliê, 2017.

Sorá, Gustavo, *Editar desde la izquierda en América Latina*, Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2017.

Tarcus, Horacio, *Marx en la Argentina. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos*, segunda edición, Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2013.

Tavares, Carlos, “Estranho iluminado”, Caderno C, *Correio Braziliense*, Brasília, 31 de maio de 2008, p. 5.

“Um livro de aventuras”, Primeiro Caderno, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1964, p. 6.

Viana, Marfa Barbosa, “Livros”, Segundo Caderno, *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 23-24 de maio de 1965, p. 5.

“Walter Lewy”, *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*, São Paulo, Itaú Cultural, 2021, <https://bit.ly/39hDHQv> [22 de agosto de 2021].

Yamakami, Jonathan, *About & Contact*, s. a., <https://bit.ly/2XhY6lw>, [14 de setembro de 2021].

“Zaidler”, em *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*, São Paulo, Itaú Cultural, 2021, <https://bit.ly/3ysFSe9> [22 de agosto de 2021].

Zingg, Paulo, “Leitura em São Paulo”, *Leitura*, nro. 17, 1944, p. 36.